

Abuso de confiança

MAURICIO DIAS

O Ministro da Administração Federal, Romildo Canhim, estava especialmente feliz quando, há 10 dias, entrou no gabinete do presidente Itamar Franco para apresentar a lista de personalidades "acima de qualquer suspeita" que fariam parte desta Comissão Especial de Investigação encarregada de apurar focos de corrupção no Executivo.

O presidente encantou-se tanto com os indicados que, segundo

Canhim, resolveu, na hora, ampliar a composição de seis para oito integrantes. Só restava ao ministro mandar o ato para ser publicado no *Diário Oficial*. O que ele fez, imediatamente.

Uma desagradável surpresa estava reservada, no dia seguinte, para o presidente da República e seu ministro. Dois dos mais notáveis advogados brasileiros — Raymundo Faoro e Fábio Konder Comparato — foram incluídos na lista sem qualquer consulta. Ignoraram, portanto, a inclusão de seus nomes na CEI. Faoro caiu fora deixando o rastro de sua ironia bem temperada: "Obrigatório só mesmo júri e serviço militar".

O autor da falseta com o ministro Canhim e o presidente Ita-

mar certamente não terá agido de má fé. Foi perdoado pelo ministro. Faoro e Comparato o deixaram no purgatório.

Alguém capaz de agir assim terá cometido, no mínimo, abuso de confiança. Uma prática comum no Brasil que, talvez, remonte aos anos do regime militar quando muita gente marcava oposição ao governo assinando qualquer manifesto ou lista de protesto, na esperança de se tornar signatário do texto que ia, finalmente, derrubar a ditadura e, com isto, entrar para a História. Mesmo que fosse pela porta de trás.

A prática pode ter criado o hábito. O hábito fez o monge. Em 1982, por exemplo, o antropólogo

Gilberto Velho descobriu, na leitura matinal dos jornais, que se tornara um eleitor compulsório do candidato do PMDB. Na ocasião ele apoiava o PT.

Histórias como estas se multiplicam. A mais recente envolveu o compositor Chico Buarque de Holanda, anunciado como a grande atração do *show* de encerramento da Semana da Arte contra a Fome, no Teatro Municipal. O nome de Chico foi divulgado aos quatro cantos. Mas os autores da proeza não o tinham convidado. Desta forma, embora a causa fosse boa, Chico Buarque deu uma lição de urbanidade e não apareceu.